

# **A VIDA ETERNA**

## **NAS FONTES PATRÍSTICAS**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Angélica Ilacqua CRB-8/7057**

Pons, Guillermo

A vida eterna nas fontes patrísticas / Guillermo Pons ; tradução de Heres Drian de Oliveira Freitas. - São Paulo : Paulus, 2026.

(Coleção Temas patrísticos)

ISBN 978-85-349-6597-2

Título original: El más allá en los Padres de la Iglesia

1. Escatologia 2. Literatura cristã primitiva 3. Vida eterna - Doutrina bíblica I. Título II. Freitas, Heres Drian de Oliveira III. Série

26-2032

CDD 231.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Escatologia

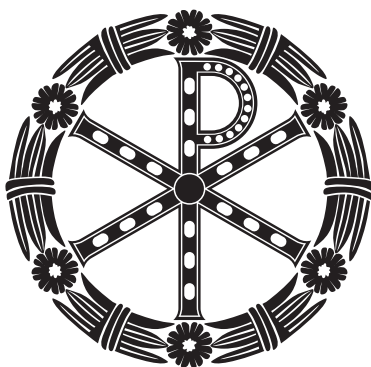
**Coleção TEMAS PATRÍSTICOS**

---

Autoria: Guillermo Pons

- *A Eucaristia nas fontes patrísticas*
- *Jesus Cristo nas fontes patrísticas*
- *Maria nas fontes patrísticas*
- *O Espírito Santo nas fontes patrísticas*
- *A Trindade nas fontes patrísticas*
- *Deus Pai nas fontes patrísticas*
- *Os anjos nas fontes patrísticas*
- *A vida eterna nas fontes patrísticas*
- *Sede de Deus e oração nas fontes patrísticas*, Carlo Pertusati

# **A VIDA ETERNA NAS FONTES PATRÍSTICAS**



Edição preparada por  
**Guillermo Pons**

Tradução de  
**Heres Drian de O. Freitas**



PAULUS

Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *El más allá en los Padres de la Iglesia*

© 2001, Editorial Ciudad Nueva

José Picón 28 - 28028 Madrid

[www.ciudadnueva.es](http://www.ciudadnueva.es)

#### **Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

#### **Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

#### **Revisão**

Tiago José Risi Leme

Tarsila Doná

Tiago Soares Barbosa

Luiz Henrique Ribeiro Lima

#### **Design**

Leonardo Cerretti

#### **Imagens**

Getty Images

#### **Impressão e acabamento**

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Televendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

---

#### **© PAULUS - 2026**

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-6597-2

## Siglas e abreviações

|            |                                                                                       |
|------------|---------------------------------------------------------------------------------------|
| BAC        | Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid:<br>La Editorial Católica, 1944-             |
| BPa        | Biblioteca de Patrística, Madrid:<br>Ciudad Nueva, 1986-                              |
| CCL        | Corpus Cristianorum, Series Latina, Tur-<br>nhout: Brepols, 1953-                     |
| DS         | Denzinger-Schönmetzer, <i>Enchiridion Sym-<br/>bolorum</i> , Barcelona: Herder, 1965. |
| EP         | Enchiridion Patristicum – ed. M. J. ROÜET<br>DE JOURNAL, Barcelona: Herder, 1981.     |
| FuP        | Fuentes Patrísticas, Madrid:<br>Ciudad Nueva, 1991-                                   |
| PatrPaulus | Coleção Patrística, São Paulo: Paulus, 1995-                                          |
| PG         | Patrologia, Series græca – ed. J.-P. MIGNE,<br>Paris, 1875ss.                         |
| PL         | Patrologia, Series latina – ed. J.-P. MIGNE,<br>Paris, 1844ss.                        |
| SC         | Sources Chrétiennes, Paris: Cerf, 1941-                                               |
| TP         | Testi Patristici, Roma: Città Nuova, 1976-                                            |



# Introdução

## Descobrimos as rotas da vida eterna

Os homens constantemente têm feito perguntas inquietantes sobre seu destino após a morte. O anseio por uma vida duradoura está profundamente enraizado no ser humano, que tem uma consciência reflexiva de sua própria existência e de sua personalidade individual. Não satisfaz apegar-se ao momento presente, tentando não preocupar-se com o futuro, mesmo que para muitos isso constitua a norma prática da própria vida, uma atitude sobre a qual encontramos muitas referências na Bíblia: “Comamos e bebamos porque amanhã morreremos” (Is 22,13).

Podemos considerar as intuições e os presságios que se manifestam ao longo de milênios de história humana como “sementes do Verbo”, isto é, fermentos da verdade depositados nas experiências religiosas de povos muito diversos. O fascinante estudo da história das religiões evidencia isso. As previsões e as expectativas oscilam, mas nunca deixam de propor-se e considerar-se como convicções muito difundidas. Ainda que não faltem as incertezas e as negações mais ou menos firmes, o coletivo humano não pode deixar de perceber como absurda a ideia de que tudo se acabe com a morte.

A grande abundância de evidências arqueológicas e textos literários, em formas e expressões muito variadas, evidencia que o homem intui e afirma sua sobrevivência além da morte. São Justino, em sua primeira *Apologia*, alude à

convicção bastante generalizada na existência ultraterrena e menciona como testemunhos dessas crenças “as doutrinas de escritores como Empédocles e Pitágoras, Platão e Sócrates, aquela caverna de Homero, a descida de Ulisses para averiguar essas coisas, e outros que disseram coisas parecidas” (*I Apologia*, 18, 5: PatrPaulus 3, 2013<sup>4</sup>, 36).<sup>1</sup>

Na *Eneida*, Virgílio descreve a chegada do piedoso Eneias, guiado pela Sibila de Cumas, aos Campos Elísios, lugar de recompensa para os bons, “uns sítios graciosos e amenos vergéis, também ditos Afortunados, moradas das almas felizes [...]. Nestas paragens é o éter mais puro, e uma luz mais brilhante tudo ilumina; o sol próprio conhecem, privadas estrelas” (*Eneida*, 6, 638-641: trad. C. A. Nunes, Editora Universidade de Brasília / A Montanha, 1983, 129). Seus moradores têm, contudo, segundo Virgílio, uma natureza intermediária entre o espiritual e o material. Eneias, ao encontrar seu pai, “Três vezes tenta cingi-lo nos braços; três vezes a sombra inaneamente apertada das mãos se lhe escapa, tal como aura ligeira ao passar ou o roçar ao leve de um sonho” (*Ibid.*, 700-702: 130).

A famosa *Écloga IV* do mesmo poeta de mantuano foi interpretada muitas vezes em chave cristã, assim como os livros sibilinos dos quais depende a composição virgiliana. Como se fosse um maravilho espelho, parece refletir realidades misteriosas, que no futuro encheriam de um luminoso conteúdo as intuições desse excelente escritor romano que oferece o gozoso anúncio de uma era feliz e de plenitude: “A serpente morrerá e fenecerão as enganosas plantas

---

1 A “caverna de Homero” é onde o protagonista da *Odisseia* evocou alguns mortos.

venenosas. [...] Dourarão lentamente os campos com macias espigas, e rubra uva penderá de cepas silvestres, e, como orvalho, destilarão mel os duros carvalhos. [...] Vê como todas as coisas se regozijam com a era que virá.”

De fato, aproximava-se a vinda do “Desejado de todas as gentes” (Ag 2,7, Vulgata), que se manifestaria como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Ele, o semeador de uma fecunda semente de esperança, diria a seus discípulos, para que depois o ensinassem no mundo inteiro (cf. Lc 12,3): “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim, eu vos teria dito, pois vou preparar-vos um lugar” (Jo 14,2). François Mauriac, com expressões cheias de convicção, fala-nos da presença misteriosa do Salvador entre os homens, e exclama:

E quando, algumas semanas mais tarde, Jesus escapa do grupo dos discípulos, sobe ao céu e dissolve-se na luz, não se trata de uma partida definitiva. Já se pôs a sondar na curva da estrada que vai de Jerusalém a Damasco, e espregueado Saulo, seu amado perseguidor. A partir de então, no destino de cada ser humano haverá esse mesmo Deus à espreita (*Vida de Jesus*, cap. 27).

## **A pedagogia divina no povo de Israel**

As promessas de Deus aos patriarcas do povo hebreu endereçam-se a uma realização que sempre se projeta para o futuro, mesmo depois de ter-se realizado aquilo que era mais tangível e significativo, como a doação de um território. Os patriarcas já esperavam esta plenitude: “a cidade que tem

fundamentos, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus” (Hb 11,10). Mesmo no que diz respeito ao conhecimento da verdade religiosa, a revelação divina é progressiva.

É surpreendente que, enquanto em muitos povos em torno dos hebreus tenha havido um grande desenvolvimento das convicções sobre a vida além do túmulo, não aconteceu assim entre os israelitas. As ideias acerca da sobrevivência dos mortos vão tornando-se mais claras muito lentamente. É claro, no entanto, que o povo de Israel pensava, desde o início, que algo dos seres humanos subsistia após sua morte.

Parece apropriado considerar que esse progresso das ideias quanto às verdades da existência ultraterrena deve-se à pedagogia com que Deus dirigia seu povo escolhido. Para que o monoteísmo não sofresse contaminações, era, de fato, oportuno que o conceito de sobrevivência dos defuntos permanecesse um pouco reduzido, evitando assim a tentação de atribuir um estatuto divino aos ancestrais. Nessa mesma linha interpreta-se o fato de o túmulo de Moisés ter permanecido para sempre em um lugar desconhecido (cf. Dt 34,6).

A impressionante gruta de Macpela é um célebre testemunho da fé dos patriarcas e do respeito, mas não de um culto religioso, com que eram tratados os restos mortais daqueles cuja vida tinha sido guiada pelo Deus da Aliança, que tinha dito a Abraão: “Em ti serão benditas todas as famílias da terra” (Gn 12,3). Referindo-se aos três patriarcas sepultados nessa gruta, Jesus proclamaria solenemente que Deus “não é Deus de mortos, mas sim de vivos” (Mt 22,32).

Os antigos israelitas estavam convencidos de que um núcleo pessoal e próprio de todos aqueles que viveram neste

mundo subsistia após a morte. Esses eram os *refaim* que habitam no *sheol*. “Reunir-se com seu povo” ou “adormecer com seus pais” eram expressões que não se referiam às condições da sepultura, mas a uma existência além-túmulo, embora fosse concebida como uma sobrevivência sombria, comparável a um estado de sono. Não se entendia, porém, que a pessoa do falecido fosse aniquilada. Além disso, pensava-se que em certas ocasiões os mortos podiam ser evocados, e que conservavam certa consciência de si mesmos, como no caso de Samuel, a quem a pitonisa evoca a pedido de Saul (cf. 1Sm 28,8-19).

Progressivamente, contudo, vai surgindo a convicção sobre uma retribuição ultraterrena, e começa-se a considerar que no *sheol* haja dois níveis bem distintos: um superior e de sossego para os justos; outro inferior e de tormento para os ímpios, especialmente os perseguidores de Israel (cf. Is 14,15; Ez 32,22-23), e, posteriormente, considera-se que também acabarão nessa situação aqueles dentro de Israel que agiram injusta ou insensatamente (cf. Pr 7,27; 9,18).

Em alguns salmos é expressa a firme esperança de que o Senhor há de tirar do *sheol* as almas dos justos para levá-las a uma vida feliz de intimidade com ele (cf. Sl 49[48],16; 16[15],11; 73[72],24). Nesse estágio do desenvolvimento dos conceitos religiosos e da progressiva revelação divina em Israel, o *sheol* é considerado a morada dos ímpios, enquanto os justos são admitidos em um paraíso celeste, ao qual se referem as palavras de Jesus ao bom ladrão (cf. Lc 23,43) e do qual encontramos outras menções na literatura judaica e no Eclesiástico, quando é mencionada a misteriosa passagem de Henoc (cf. Eclo 44,16).

Outro elemento a ter presente é que a mentalidade semítica dos judeus considera o homem uma unidade, não um composto de alma e corpo; concepção essa, por outro lado, profundamente enraizada no platonismo e no âmbito da cultura helenística. Não é justo, todavia, considerar uma contaminação ou um desvio o fato de o povo de Israel passar a assumir gradualmente essa outra maneira de entender a realidade do ser humano. Pode bem fazer parte dos planos da pedagogia divina conduzir o pensamento religioso de seu povo por esse caminho, mediante a incorporação de novos elementos de compreensão, embora também se possa constatar uma evolução homogênea, nas categorias propriamente judaicas, sobre a alma (*nefesh*) ser o elemento espiritual que abandona o homem vivo e que, ao ocorrer a morte, o Senhor recolhe e mantém consigo, no caso dos justos.

Dessa maneira de compreender qual é a natureza do homem e sua relação pessoal com a bondade divina depreende-se, como fruto maduro e saboroso, um reconhecimento explícito da ressurreição dos mortos, com o mesmo corpo que tiveram durante sua vida mortal. No livro de Daniel lemos estas palavras precisas e esclarecedoras: “As multidões dos que dormem no solo poeirento acordarão, uns para a vida eterna e outros para o opróbrio, para o horror eterno” (Dn 12,2). No relato do martírio dos sete irmãos, que aparece no segundo livro dos Macabeus, a terceira dessas heroicas testemunhas da fé de Israel exclama: “Do céu recebi estes membros, e é por causa de suas leis que os desprezo, pois espero dele recebê-los novamente” (2Mc 7,11). Referindo-se à mãe desses mártires, mulher firmemente enraizada na fé

da ressurreição, Santo Agostinho exclama: “Ela preferiu que seus filhos morressem, porque sabia que eles não morreriam” (*Sermão* 286, 6).

### **À imagem de Cristo ressuscitado**

A ressurreição de Cristo torna-se o núcleo de toda a revelação do Novo Testamento e a mais firme garantia de sua credibilidade (cf. 1Cor 15,14). É, além disso, bastante evidente que esse acontecimento central de nossa fé não é um fato fechado em si mesmo, mas se projeta na ressurreição gloriosa de todos aqueles que obtêm a salvação realizada por Cristo. Jesus, de fato, não só ressuscitou, mas é “a ressurreição e a vida” (Jo 11,25).

A ressurreição de Cristo é como a raiz de nossa futura ressurreição. O Senhor Ressuscitado, com efeito, revela-se como fonte e origem da vida sobrenatural e gloriosa daqueles que ressuscitam com ele. Encontramos tudo isso expresso bela e claramente nas fontes da revelação: “Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram” (1Cor 15,20), quer dizer, a ressurreição de Cristo inicia um processo de vitória sobre a morte, que também é evidenciado pelo título cristológico de “primogênito dos mortos” (Cl 1,18). A conexão causal entre a ressurreição de Cristo e a que há de realizar-se naqueles que morreram ao longo de muitos séculos é proclamada com algumas palavras claras de São Paulo, nas quais se estabelece um paralelismo muito revelador entre Adão e Cristo: “Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo

todos receberão a vida” (1Cor 15,21-22). Santo Agostinho, comentando este último texto paulino, diz:

Considerai nossa raça humana: todos nós fluímos de uma mesma fonte, e, porque se tornou amarga, todos, de oliveira que éramos, tornamo-nos oleastros. Chegou também graça. Um só gerou para o pecado e a morte, mas [gerou] uma raça, todos próximos a si; não só semelhantes, mas também emparentados. Veio um contra o outro: contra um que espalha, um que reúne; assim, contra um que mata, um que vivifica. “Assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida” (1Cor 15,22). Mas, como morre todo aquele que daquele nasce, assim também todo aquele que crê em Cristo é vivificado; mas se tiver a veste nupcial, se for convidado para permanecer [no banquete], não para ser retirado [dele] (*Sermão 90, 7*).

Para compreender plenamente a relação existente entre a ressurreição de Cristo e a daqueles que morreram ligados a ele pela graça, é necessário considerar que esses foram unidos sacramentalmente à morte e ressurreição do Senhor pelo batismo, iniciando assim um caminho que leva à ressurreição da carne. Esse destino obedece à glorificação plena alcançada por Cristo, porque, se ele ressuscitou corporalmente, sendo a cabeça de seu corpo místico, todos os que são seus membros devem unir-se a ele na mesma condição gloriosa.

Realiza-se, assim, a feliz predição do Apóstolo: “Estaremos para sempre com o Senhor” (1Ts 4,17), e cumprem-se as palavras ditas pelo próprio Jesus: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive

e crê em mim jamais morrerá” (Jo 11,25-26). “Em Jesus Cristo crucificado, deposto no sepulcro e depois ressuscitado, ‘brilha para nós a esperança da feliz ressurreição [...], a promessa da imortalidade futura”’ (*Redemptor hominis*, 18).

Essa incorporação a Cristo, Salvador dos homens, e a profissão de fé em sua ressurreição dentre os mortos, fonte e imagem de nossa ressurreição no último dia, realizam-se no seio da mãe Igreja e sob o impulso da força do Espírito Santo. Para muitos, essas verdades fundamentais da fé, desde o início da vida da Igreja, foram “pedra de tropeço” e ocasião de ruína espiritual, como no caso das correntes do gnosticismo e dos preconceitos racionalistas. Não há nada, porém, mais belo e reconfortante do que proclamarmos, sem adulteração alguma, a fé em Cristo Ressuscitado, unidos à confissão dos gloriosos apóstolos, dos mártires invictos, dos Santos Padres e dos doutores ortodoxos de todos os séculos.

No livro *Sinal de Contradição*, de Karol Wojtyła, encontramos um precioso testemunho autobiográfico sobre uma experiência espiritual sua, experimentada ao ouvir o canto da antífona: “*Cristo, por nós, fez-se obediente até a morte...*”. Eis aqui alguns parágrafos do relato dessa memória pessoal, que o futuro papa João Paulo II comunicou ao pregar os exercícios espirituais no Vaticano a Paulo VI e seus colaboradores mais próximos em março de 1976:

Nunca esquecerei o que experimentei quando pela primeira vez ouvi essas palavras durante a solene liturgia que se realizava na catedral real de Wawel, em Cracóvia. Quando jovem, fui à catedral na Quarta-feira Santa, quando começava o